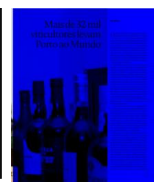




ID: 45075146

01-11-2012





Mais de 32 mil viticultores levam Porto ao Mundo



O Vinho do Porto não precisa de ser apresentado ao Mundo. Ele conhece-o como a mais nobre e invicta apresentação do nosso país. Grande responsabilidade nesta matéria cabe ao Instituto dos Vinhos do Douro e do Porto (IVDP). Manuel Novaes Cabral lidera aquele organismo e conta que são 32 mil viticultores na Região Demarcada do Douro e que, em 2011, se registaram vendas de Vinho do Porto por parte de 96 agentes económicos, incluindo 39 comerciantes, 50 produtores-engarrafadores e sete adegas cooperativas. Mas a crise também bate à porta.

Fala do Vinho do Porto com indisfarçável orgulho, como fala da cidade. A sua cidade. E começa por perguntar: «Sabe o que já foi custeado por este vinho?». E enumera as ruas e edifícios pagos pelo imposto sobre o vinho, desde a Praça do Infante, à Reitoria da Universidade do Porto, às Misericórdias. Refere-se à importância diplomática durante a Guerra dos Sete Anos e às origens, que remontam ao Marquês de Pombal e à criação da Companhia dos Vinhos do Douro. No Solar do Vinho do Porto, mas em Lisboa, «no coração de Lisboa», Manuel Novaes Cabral fala entusiasticamente, fala até com as mãos, para explicar os percursos, os roteiros possíveis no calcorrear do Porto através do seu Vinho... «O imposto sobre o Vinho do Porto pagava tudo!».

Licenciado em Direito, responsável político em diversas vertentes, antigo director municipal dos Serviços da Presidência da Câmara Municipal do Porto e representante desta no Comité Executivo da Great Wine Capitals Global Network, desde 2003, entre variados outros cargos, muitos dos quais ligados à enologia, e até uma incursão pela Comunicação Social, sabe que os tempos que correm não são de facilidades e afectam também este produto único e que deve ser protegido.

Dá que, há cerca de um ano, tenha aceitado o desafio de presidir ao IVDP, I.P. que tem, exactamente, a missão de proteger e defender as denominações de origem e indicação geográfica da Região Demarcada do Douro, onde há 32.500 viticultores, sendo 163 operadores ligados ao Vinho do Porto. Além de participar na elaboração dos acordos internacionais, que englobam os direitos de propriedade intelectual (aqui incluídas as indicações geográficas e as denominações de origem, sempre que é detectada uma usurpação ou imitação das denominações de origem Porto ou Douro ou da indicação geográfica Duriense), o organismo desenvolve contactos com o Ministério dos Negócios Estrangeiros, as autoridades ►





competentes do país em causa e as da União Europeia, se tal infração se verificar neste território. Em regra, estas acções são suficientes. Todavia, casos há em que o Instituto tem de agir judicialmente no respeito pela legislação.

SALVAGUARDAR

Foi naquele âmbito, que o organismo contratou advogados, por exemplo na China e nos Estados Unidos. No primeiro país, segundo Manuel Novaes Cabral, foi iniciado um processo de registo dos nomes Porto e Douro, estando agora a aguardar-se o desenvolvimento do mesmo.

Já nos Estados Unidos, em 2006 foi celebrado um acordo sobre o comércio de vinhos, «mas, infelizmente, não consagrou a tutela de diversas denominações de origem europeias (Port, Champagne, Sherry, Tokay, etc.), apenas proibiu que fossem aprovados novos ró-

tulos pelas autoridades norte-americanas que contivessem designações europeias, ou seja, os rótulos já aprovados podem continuar no mercado. Todavia, está agora a ser negociado um acordo comercial global entre a União Europeia e os EUA e está prevista a inclusão da tutela das indicações geográficas europeias. Neste acordo de comércio poderão a vir a ser protegidas as denominações de origem dos vinhos, incluindo o Porto. Estamos a trabalhar neste sentido com o Governo, em especial a nossa tutela e o Ministério dos Negócios Estrangeiros e a Comissão Europeia».

No que concerne às exportações e aos países que mais se destacam, o presidente do IVDP referiu que «o grupo dos dez principais mercados externos para o Vinho do Porto tem-se mantido bastante estável, embora com algumas alterações anuais no ranking». Por ordem decrescente da quantidade exportada ficou à frente a França, seguindo-se Holanda, Bélgica, Reino Unido, EUA, Alemanha, Canadá, Dinamarca, Brasil e Espanha. Talvez por isso, Manuel Cabral queira que seja criado um programa forte junto das escolas de hotelaria francesas, no sentido da educação para o Vinho do Porto.

Em todo o caso, o Brasil e os EUA «ganharão em crescimento» na quantidade entre 2000 e 2011, o primeiro com 44,8 por cento e o segundo com 11,4. Em termos de valor, a Dinamarca (mais 34 por cento), o Brasil (33,6) e a Espanha (8,1) foram os que mais aumentaram as importações.

Manuel Novaes Cabral fez notar o crescimento acentuado (em valor) de mercados que entraram para o grupo dos 25 principais mercados nesse período: Rússia (mais 3.572,9 por cento), Polónia (mais 399,6) e República Checa (238,3).

Não se pense que a crise não chegou aos Vinhos do Porto. A realidade é que, em 2007, o sector obteve mais de 400 milhões de euros de volume de negócios, mas no ano passado os montantes não atingiram os 356 milhões. A situação reflectiu-se ainda no mercado nacional já que os portugueses compraram, no ano transacto, menos 11,8 por cento de Vinho do Porto do que em 2010, quando consumiram 1,185 milhões de caixas de nove litros, avaliadas em 50,3 milhões de euros.

Em 2012, os dados mais recentes da comercialização de Vinho do Porto (até Agosto) apontam para uma recuperação, com um crescimento de 3,5 por cento na quantidade vendida em comparação com o período homólogo do ano anterior, com particular destaque para a evolução muito positiva no mercado nacional (mais 13,7 por cento). «Esses números são obviamente de realçar mas, tendo em conta que os últimos quatro meses representam habitualmente 45 por cento da quantidade de Vinho do Porto vendida em todo o ano, temos de ser naturalmente cautelosos e esperar dados mais concretos, sobretudo considerando as dificuldades de natureza económica que envolvem Portugal e grande parte da Europa, acrescenta Manuel Cabral. ♦ M.M./H.P.

SOLAR PODE REABRIR EM BREVE

O homem que fala das culturas da vinha em terraços e da Região que é Património da Humanidade desde 2001 e que afirma que «o Douro está na nossa alma e no nosso sangue» defendeu o encerramento do Solar do Vinho do Porto, na Invicta Cidade. Mas Manuel Novaes Cabral, afável, quase contemporizador, também deixou uma luz no fundo da entrevista: «A Câmara Municipal do Porto, em conjunto com o IVDP, está a equacionar a melhor forma de voltar a abrir o espaço com a matriz do Vinho do Porto». Considerou, todavia, que era «incomportável» manter o espaço, que se vinha degradando mais. «Há que definir prioridades e o dinheiro é necessário em outras mais-valias, para gastar de um modo mais proveitoso.»

Notou, a propósito, que os portugueses têm uma má relação com o Vinho do Porto e faz contas: «Dos 15 por cento da produção que são vendidos em Portugal quanto é comprado ou consumido por turistas estrangeiros? As caves, em Vila Nova de Gaia, recebem, por ano, um milhão de turistas que compram Vinho do Porto. Estes números inserem-se nas contas do mercado interno. Assim, quanto é, verdadeiramente, consumido por portugueses?».

Manuel Cabral opõe-se à «democratização» do Vinho do Porto, no sentido que costuma ser dado à palavra, um termo que rejeita em absoluto e diz «Não!» aos shots, admitindo os cocktails: «É preciso encontrar novos consumidores, novas formas de consumo e novos momentos de consumo», frisa, para acrescentar que «não se pode aceitar a vulgarização do Vinho do Porto». Um apelo aos mais jovens? «Sim, também, claro! Para aprenderem a apreciar, sendo certo que a melhor maneira de combater o alcoolismo é ensinando a beber!». Aposta, assim, na educação para o Vinho do Porto e que, em seu entender, passa por formar os trabalhadores de bares e restaurantes para lhes mostrar como deve ser servido, desde os copos ou cálices à temperatura. E alerta: «Já vii onde estão as garrafas de Vinho do Porto nos bares ou nos restaurantes? Por cima, às vezes até, das máquinas de café... Junto do whisky e de licores. Esta não é uma bebida espirituosa. É um vinho, um vinho muito especial que tem de ser servido à temperatura adequada». E enfatiza: «No Vinho do Porto o mais importante são as sensações e o bem-estar, a boa harmonização entre comes e bebes e a companhia que se tem. Mais do que saber bem é sentirmo-nos bem.»